



TRAVESSIAS E CARTAS: VIAGEM E MALA DO IMIGRANTE

Maria Izilda Santos de Matos*
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP
mismatos@pucsp.br

RESUMO: Os deslocamentos incluíram uma diversidade de trajetórias e multiplicidade de experiências, processos diferentes e simultâneos que compõem a trama histórica. Incorporando a perspectiva cultural, esta investigação pretende discutir os deslocamentos dos portugueses para São Paulo (1890 e 1950), recuperando os preparativos da viagem, a travessia e a constituição dos pertences na mala destes imigrantes. A pesquisa baseia-se na análise das cartas e correspondências localizadas no Memorial do Imigrante de São Paulo (antiga Hospedaria dos Imigrantes) e em arquivos portugueses (Arquivo Distrital do Porto e de Braga).

PALAVRAS-CHAVE: Cartas – Deslocamentos – Imigração – Portugueses – Viagem

CROSSINGS AND LETTERS: TRAVEL AND BAGS OF THE IMMIGRANTS

ABSTRACT: The displacements included a diversity of trajectories and multiplicity of experiences, and different processes that make up the web concurrent historical. Incorporating cultural perspective, this research discusses the displacements of Portugal to São Paulo (1890 and 1950), retrieving the preparations for the trip and the constitution of the belongings in the bag of immigrants. The research is based on analysis of letters and correspondence Immigrant Memorial located in São Paulo and Portuguese archives (Archive District of Porto and Braga).

KEYWORDS: letters – displacement – Immigration – Portuguese – Travel

Os deslocamentos incluíram uma diversidade de trajetórias e multiplicidade de experiências, processos diferentes e simultâneos que compõem a trama histórica.

* Doutora em história, professor titular da PUC/SP, pesquisadora 1 do CNPq. No seu processo de pesquisa, este artigo contou com a colaboração das alunas PIBIC/CNPq Juliana Furlani de Souza e Paula Madeira Rizzo.

Incorporando a perspectiva cultural, esta investigação pretende discutir os deslocamentos dos portugueses para São Paulo (1890 e 1950), recuperando os preparativos da viagem, a travessia e a constituição dos pertences na mala destes imigrantes. A pesquisa baseia-se na análise das cartas e correspondências localizadas no Memorial do Imigrante de São Paulo (antiga Hospedaria dos Imigrantes) e em arquivos portugueses (Arquivo Distrital do Porto e de Braga).

DESLOCAMENTOS: PRESENTE E PASSADO

Os processos migratórios recentes vislumbram o estabelecimento de novas ordens demográficas, não se pode prever todo o seu desencadeamento e amplitude, contudo, se constituem outros pontos de partida e polos de atração. As facilidades e agilidades das viagens, somadas as múltiplas possibilidades comunicação dinamizam os deslocamentos, tornando-os um “fenômeno” perceptível e provocando tensões, hostilidades, rejeições, conflitos e xenofobia nas sociedades receptoras. Estas tensões atuais levam ao reconhecimento da importância da temática das mobilidades, ampliam-se os estudos com diferenciadas perspectivas de análise, iluminando interpretações, enriquecendo abordagens e contribuindo para rever estereótipos.

Nos últimos anos, as análises sobre os deslocamentos ampliaram-se para além dos condicionamentos demográfico-econômico-sociais e do paradigma da miserabilidade, assim, as mobilidades não são vistas apenas como resposta às condições excepcionais de pobreza,¹ fruto das pressões do crescimento da população (modelo malthusiano) ou de mecanismos impessoais do *push-pull* dos mercados internacionais. Estes processos superaram os limites das necessidades estritamente econômicas, sendo indispensável observar as questões políticas (refugiados, perseguidos e expulsos), étnico-raciais, culturais, religiosas, geracionais e de gênero.²

Os deslocamentos aparecem como alternativas adotadas por uma gama abrangente de sujeitos históricos, alguns inseridos em fluxo de massa, grupos, familiares

¹ Não basta que existam dificuldades econômicas para que os deslocamentos ocorram, estas dificuldades têm que estar vinculadas a percepção de que a emigração é uma alternativa aceitável e os canais necessários têm que estar constituídos para viabilizar as saídas. BAGANHA, Maria Ioannis. Migração transatlântica: uma síntese histórica, In: SERRÃO, José Vicente; PINHEIRO, Magda de Avelar e FERREIRA, Maria de Fátima Sá e Melo (Eds.). **Desenvolvimento econômico e mudança social**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

² CORTI, Paola. **Storia delle migrazioni internazionali**. Roma: Editori Laterza, 2007.

ou em percursos individuais; através de processos de migração engajada ou voluntária, abarcando diversos extratos sociais, levas e gerações; envolvendo agentes inspirados por estratégias e motivações diferenciadas, inclusive culturais e existenciais. Entre as múltiplas motivações que levaram às mobilidades encontra-se a procura da realização de sonhos, abertura de novas perspectivas, fugas das pressões cotidianas e a busca do “fazer a América”, em variadas representações construídas e vitalizadas neste universo.

Cabe ressaltar nos mecanismos que viabilizaram estes processos a constituição de redes,³ com o estabelecimento de relações interpessoais e institucionais (agenciadores, aliciadores, aparatos de propaganda, meios de comunicação), além da organização do sistema de navegação comercial, que viabilizou o transporte transoceânico em massa. Assim, pretende-se discutir vínculos estabelecidos, redes de sustentação nas regiões de saída e de acolhimento, expectativas e sonhos construídos no processo, tensões e frustrações, possibilidades de reencontros e reconstituição familiar, orientações, preocupações e preparativos da travessia.

O SONHO AMERICANO: HISTÓRIAS E HISTORIOGRAFIA

No Brasil, a temática da imigração vem sendo privilegiada pela historiografia, tendo produção ampla, diversificada e enriquecida por abordagens que analisam aspectos diferenciados da questão. Os deslocamentos ibéricos só mais recentemente têm instigado aos pesquisadores,⁴ contudo, parte significativa dos trabalhos se volta para o Rio de Janeiro, aonde a presença portuguesa foi significativa e marcante.

Os estudos sobre imigração em São Paulo privilegiou certos grupos, em particular, os italianos e japoneses. Só contemporaneamente que apareceram trabalhos que analisam

³ A categoria rede de e-imigração incorpora tanto as ações familiares e comunitárias, como as estruturas impessoais de informação, difusão e apoio, articulando-se a noção de cadeia proposta por MACDONALD, John; MACDONALD, Leatrice. Chain Migration Ethnic Neighborhood Formation and Social Networks, *The Milbank Memorial Fund Quartely*, New York, XLII (1), p. 82-97, 1964. DEVOTO, FERNANDO J, Las cadenas migratorias italianas: algunas reflexiones a la luz del caso argentino. In: *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 8, Buenos Aires, p. 103-123, 1988.

⁴ Para a produção em Portugal destacaríamos o livro de PEREIRA, Miriam Halpern. **A política portuguesa de Emigração – 1850-1930**. Bauru: EDUSC, 2002; CRUZ, Maria Antonieta. Agruras dos emigrantes portugueses no Brasil. *Revista de História*, Porto, 07, p.07-134, 1987; RODRIGUES, Henrique. **Alto Minho no século XIX: contextos migratórios, sócio-culturais e familiares**. 2004. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Universidade do Porto, Porto, 2004. ALVES, Jorge F. Os Brasileiros: emigração e retorno ao Porto oitocentista. Porto: s/e 1994.

os ibéricos e, em particular, os portugueses,⁵ sendo raras as investigações sobre a perspectiva cultural.

A chegada dos trilhos da ferrovia Santos-Jundiaí (1863) conectou a cidade de São Paulo com o porto exportador-Santos e a com a zona produtora de café (no interior do Estado). Os trilhos não só transportavam rápida e eficientemente o café, também traziam de várias partes do mundo, particularmente, da Europa, uma ampla gama de imigrantes, além de toda uma variedade de produtos e influências, gerando e dinamizando um “vetor modernizador”.

Neste período, a expansão urbana de São Paulo esteve vinculada diretamente aos sucessos e/ou dificuldades da economia cafeeira, a cidade consolidou-se como centro econômico e político, polo de desenvolvimento industrial, mercado distribuidor e receptor de produtos e serviços. No ano de 1872, a população de São Paulo era de 31.385 pessoas; segundo o censo de 1890, elevou-se para 64.934 habitantes; já em 1900, eram 239.820 moradores. Em 1920, a população da cidade mais do que dobrou, atingindo a cifra de 579.033 pessoas.⁶

O “sonho americano” e a atração exercida pela cidade prosseguiram, concentrando um significativo contingente de trabalhadores. Enquanto uns dirigiam-se para o comércio, outros ficavam nas atividades por conta própria ou foram impelidos para o trabalho assalariado em vários ramos: indústria, comércio, obras públicas e serviços.

Entre 1920 e 1940, a população da cidade mais que duplicou, saltando para 1.326.261 habitantes.⁷ Em 1934, totalizavam 287.690 estrangeiros (destes 79.465 eram portugueses),⁸ que formavam um mosaico diversificado de grupos étnicos com seus descendentes, que juntamente com os migrantes constituíam-se numa multiplicidade de culturas, tradições e sotaques.

⁵ FRUTUOSO, M. Suzel G. **A Emigração Portuguesa e sua influência no Brasil: O Caso de Santos (1850-1950)**. 1989. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989; FREITAS, Sonia M. **Presença Portuguesa em São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006; MATOS, M. Izilda Santos de e SOUSA, Fernando. **Deslocamentos & Histórias: os portugueses**. Bauru: EDUSC; Porto: CEPSE, 2008; PASCAL, M. Aparecida. **Portugueses em São Paulo**. São Paulo: Expressão e Arte, 2005.

⁶ MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. **Recenseamento do Brasil 1920**, Synopse do Recenseamento. Rio de Janeiro, Typ. da Estatística, 1926.

⁷ Ibid.

⁸ Censo Estadual de 1934. In: ARAÚJO, Oscar Egídio de. Enquistamentos étnicos. **Revista do Arquivo Municipal**, v. LXV, mar. 1940.

PORTUGUESES: MOBILIDADES, POLÍTICAS E AÇÕES

A imigração portuguesa para o Brasil foi um processo contínuo, que envolveu experiências múltiplas e diversificadas, abarcando várias levas, de diferentes regiões do continente e das ilhas; alguns vieram subsidiados, outros por conta própria; alguns chegaram ao começo do processo (nos anos finais do século XIX e nos inícios do XX), outros após a Primeira Grande Guerra ou durante o período salazarista.

Entre 1887 e 1900, os portugueses representaram 10% do total de entradas em São Paulo, proporção que entre 1900 e 1920 subiu para mais de 29%. Em termos de período, os anos de 1910 a 1914 marcaram a vinda do maior contingente luso (111.491), em função da crise econômico-social e das dificuldades políticas com o fim do regime monárquico português, também pela preferência dos imigrantistas paulistas por esse grupo.⁹

Os portugueses emigravam por vários motivos: dificuldades econômicas, sociais e familiares, fugas ao recrutamento militar, poucas oportunidade de trabalho, baixos salários, tipo de propriedade e sua exploração, tensões políticas, atraso tecnológico, além do desejo de “fazer a América” e das redes estabelecidas. Assim, as partidas foram contínuas e frequentes, vinculadas aos descontentamentos, estratégias de sobrevivência, buscas de outras possibilidades e realizações de sonhos.

Os emigrantes eram majoritariamente do Norte de Portugal, áreas de predominância da pequena propriedade;¹⁰ os que vinham do Noroeste eram maior parte homens sozinhos (solteiros e casados); já entre os do Nordeste predominava a emigração familiar. No sul, o interesse nas saídas tornou-se mais expressivo a partir das crises advindas com a Primeira Grande Guerra.¹¹

Uma análise sobre os emigrados permite observar tendências: numa primeira notam-se os que vinham por conta própria, destacando-se os jovens solteiros, alfabetizados, com algum capital, em busca de constituir uma trajetória profissional,

⁹ Depois do Decreto Prinetti (1902, pelo qual o governo italiano proibiu a emigração subsidiada para São Paulo) e de medida similar do governo espanhol reduziram-se consideravelmente as entradas de italianos e espanhóis, passando-se a priorizar os lusos. Boletins do Serviço de Imigração e Colonização, nº 2, outubro de 1940. Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo.

¹⁰ PASCHKES, Maria Luisa N. de Almeida. Notas Sobre os Imigrantes Portugueses no Brasil (sécs. XIX e XX). **Revista Histórica – USP**, São Paulo, n. 123-124, ago/jul., p.88-89, 1990 – 1991.

¹¹ LEITE, Joaquim da Costa. O Brasil e a Emigração Portuguesa (1855-1914). In: FAUSTO, Boris (Org.). **Fazer a América**. São Paulo: Edusp, 2000, p. 192.

geralmente possuíam contatos já estabelecidos no Brasil. Um segundo grupo de homens adultos, muitas vezes casados, artesãos de profissão, que se fixavam nas grandes cidades (preferencialmente São Paulo e Rio de Janeiro), muitos destes buscavam retornar a Portugal, depois de juntar algum pecúlio.¹² Outro grupo era dos que vinham subsidiados, embarcavam em família, motivados pelas dificuldades econômicas, sem entrever possibilidades efetivas de regresso.¹³

A emigração masculina continuamente ultrapassou a familiar. As saídas de família eram o centro das preocupações das autoridades portuguesas, pois além de provocar a desaceleração do crescimento demográfico (com o envelhecimento da população e a falta de perspectivas matrimoniais), afetava as remessas para Portugal

que permitiam equilibrar uma balança de pagamentos de outro modo deficitária e encobrem uma subordinação externa, que contribuem assim para acentuar (...). É nesse novo contexto socioeconômico que se insere a emigração portuguesa para o Brasil, destino preferido pela esmagadora maioria dos portugueses até muito recentemente.¹⁴

A prática dos homens saírem primeiro visava criar condições para chamar os familiares, podendo ser identificada como uma ação preventiva frente aos possíveis infortúnios. Contudo, estas saídas afetaram a estrutura familiar, ampliando a responsabilidade das mulheres que passaram a arcar com os cuidados e sustento dos filhos, a manutenção da propriedade e negócios, além das atividades domésticas.

Se a emigração portuguesa foi a princípio prioritariamente masculina, o contingente feminino cresceu gradualmente, podendo-se verificar um aumento no número de mulheres casadas, ampliando a emigração familiar de acordo com os parâmetros da política imigrantista paulista. Na primeira década do século XX, a porcentagem de mulheres alcançava mais de 25% do total de entradas e no início da segunda oscilou entre 35% e 40%. Assim, a imigração lusa até então caracterizada como individual, masculina e temporária, tornou-se, tendencialmente, familiar e permanente.

¹² Estes retornados recebiam a alcunha de “brasileiros de torna-viagem”, procuravam se inserir na comunidade, investindo e realizando benesses nas suas regiões, geravam reações ambíguas, aceitos por uns e menosprezados por outros.

¹³ LEITE, Joaquim da Costa. O Brasil e a Emigração Portuguesa (1855-1914). In: FAUSTO, Boris (Org.). **Fazer a América**. São Paulo: Edusp, 2000, p. 193 -194.

¹⁴ PEREIRA, Miriam Halpern. **A política portuguesa de Emigração – 1850-1930**. Bauru: EDUSC, 2002. p. 11-12.

Para o recrutamento de imigrantes portugueses foi organizada toda uma rede regular de propaganda, divulgação de informações (notícias na imprensa, panfletos, cartas), agenciamento e transporte, com a participação de companhias e engajadores, alguns recebiam subsídios do governo brasileiro e/ou paulista ou trabalhavam para eles. Constituíram-se cadeias que tinham como elos moradores das aldeias e freguesias, religiosos, autoridades e empresários. Estas redes funcionaram entre Portugal continental, as Ilhas e o Brasil e foram intensificadas em destino ao porto de Santos, desde os anos iniciais do século XX.

Quanto à política portuguesa de emigração, em seu processo pode ser considerada ambígua, ora repressiva (especificamente em relação aos jovens, mulheres só e saídas clandestinas) ora permissiva. A emigração sofria a oposição dos grandes proprietários rurais, para os quais significava a evasão de braços, estes pressionavam o governo para conter as saídas; mas, o governo via na emigração uma possibilidade de limitar as tensões no campo, além de sustentar as remessas, que adquiriram importância nas finanças portuguesas, estimulando investimentos e sendo decisiva na balança de pagamentos.

No Brasil, a despeito de ações governamentais de estímulo a imigração, durante o Governo Vargas (1930-45) foram criadas medidas restritivas as entradas, ampliaram-se as preocupações em filtrar os imigrantes que melhor se adaptassem ao país. Apesar da política anti-imigratória, os deslocamentos portugueses foram defendidos por autoridades brasileiras e portuguesas¹⁵ - que apregoavam a eliminação do sistema de cotas, concretizando-se nas leis que favoreceram os lusos em detrimento de outros estrangeiros.¹⁶

¹⁵ Através de várias manifestações de políticos, empresários e a própria Federação das Indústrias do Estado de São Paulo pediram a equiparação dos portugueses aos brasileiros natos. Arrolavam-se os méritos dos portugueses: capacidade de assimilação, adaptabilidade e “seu incontestável valor eugênico”, sugeria-se a preferência por operários especializados, com formação técnica, além de artífices, frente a carência desta mão de obra. Cf.: SIMÕES, Nuno. **Portugueses no Mundo**. Portugal: Minerva, 1940.

¹⁶ Foram várias restrições na política imigratória a partir de 1930, presentes na “Lei dos 2/3” (decreto 19.482 de 12/12/1930) que garantia a cota de 2/3 de trabalhadores brasileiros natos em todas as categorias profissionais. O Decreto nº 406, art. 2º, ‘o governo reserva-se o direito de limitar ou suspender por motivos econômicos ou sociais a entrada de indivíduos de determinadas raças ou origens’. Já o Decreto nº 3010, de 20 de agosto de 1938, art. 1º, que regulamenta o anterior, ‘ter-se-á em vista preservar a Constituição étnica do Brasil, suas formas políticas e seus interesses econômicos e culturais’, o que favorecia a imigração lusa. Na mesma época, a Resolução 34 do Conselho de Imigração e Colonização (22/4/1939) revogou qualquer restrição numérica as entradas de portugueses, além disso, buscando atrair os lusos, o governo assumiu as despesas de desembarque e hospedagem pelos seis dias

Cabe destacar que não houve um único padrão de deslocamento, muitos imigrantes eram chefes de família, vieram antes de seus familiares que ficaram aguardando as chamadas; outros chegaram crianças ou jovens, sem a família nuclear; em outros casos, a família veio junta, algumas delas não permaneceram unidas no novo contexto ou nunca se encontraram e/ou não voltaram a se constituir, gerando toda uma complexidade de situações vivenciadas.

LAÇOS DE UNIÃO: DISCUTINDO A DOCUMENTAÇÃO

Falar da imigração portuguesa constitui “o resultado histórico de um encontro entre o sonho individual e uma atitude coletiva”,¹⁷ assim, se sintetiza a importância das histórias de vida para entender o conjunto de experiências individuais e transformações sociais. Esta investigação se insere numa corrente que pretende estabelecer as articulações entre relações sociais, étnicas, de gêneros, gerações, práticas e modos de vida, numa perspectiva de incorporar os imigrantes portugueses (homens, mulheres e crianças) á história, cessando de considerá-los como objeto dado, para conhecê-los como sujeitos históricos que se constroem na e pela experiência cotidiana, procurando integrar as tensões sociais de um processo permeado de resistências, conflitos e confrontos.

Reconhece-se a pesquisa empírica como elemento indispensável e neste sentido, valoriza-se o uso de uma diversidade de fontes, que constituem um mosaico de referências do passado, com destaque para as cartas, requerendo uma paciente busca de indícios, sinais e sintomas, acrescida da análise detalhada para esmiuçar o implícito e oculto, atentando para os múltiplos significados da documentação.

Os estudos das cartas e correspondências têm privilegiado as escrituras de figuras de destaque intelectual e político. Na atual pesquisa, as missivas endereçadas e recebidas envolveram sujeitos históricos populares e anônimos – e/imigrantes lusos-, tornando a análise mais complexa, porém com grande potencial para descobertas.¹⁸

As cartas dos e/imigrantes se caracterizam como um testemunho precioso de fragmentos de diálogos entre dois mundos, mas, ainda são fontes pouco exploradas nos

iniciais. Cf.: MENDES, José Sacchetta Ramos. **Laços de sangue: privilégio e intolerância á imigração portuguesa no Brasil**. Porto: CEPSE, 2010.

¹⁷ PEREIRA, Miriam Halpern. **A política portuguesa de Emigração – 1850-1930**. Bauru: EDUSC, 2002, p.9.

¹⁸ GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p 21.

estudos dos deslocamentos. Deve-se advertir que as missivas se constituem num corpo documental irregular, apesar de serem dirigidas a um destinatário (com o qual se deseja estabelecer uma prática interativa), muitas vezes não se obtinham respostas, foram extraviadas ou então não foram preservadas. Nestes acervos foram encontradas missivas variadas: cartas oficiais e de chamada, correspondência familiar e de negócios, algumas prestando contas, outras só informativas.

Os escritos epistolares encontram-se marcados pelos desejos da manutenção dos vínculos com as origens, possibilitando perceber trocas de notícias. Elas privilegiaram questões da vida doméstica e do cotidiano, faziam referências às remessas e seus aplicativos; já outros escritos eram pessoais e até íntimos, relações e tensões de família e de gênero, expondo relações afetivas de amor, rancor, ruptura e saudades, desabafos e confidências, possibilitando captar as sensibilidades.

Nesta investigação, as cartas se destacam, não só pela sua quantidade, mas, pela riqueza de seus relatos, permitindo maior compreensão do processo de deslocamento dos portugueses para São Paulo. As correspondências foram localizadas na Hospedaria do Imigrante de São Paulo¹⁹ e em arquivos portugueses (Arquivo Distrital do Porto e de Braga).²⁰

CRUZANDO MARES: DEMOCRATIZAÇÃO DA ESCRITURA

¹⁹ Fundada em 1886/87, a Hospedaria visava abrigar os recém-chegados na cidade de São Paulo, sendo permitido permanecer no local por até oito dias, havia um setor no qual os imigrantes se encontravam com os empregadores, para firmar os contratos de trabalho. MOURA, Soraya e PAIVA, Odair da Cruz. **Hospedaria de Imigrantes de São Paulo**. São Paulo: Paz e Terra, 2008. Na sua trajetória histórica a Hospedaria esteve vinculada e/ou subordinada a várias Inspetorias, Secretarias e Departamentos, da mesma forma junto a ela gravitaram outros organismos envolvidos nos serviços da imigração, colonização e terras. Esta inserção produziu uma ampla documentação, alguns fundos merecem destaque: o da Inspetoria de Imigração do Porto de Santos, com os documentos produzidos pelas Companhias Armadoras, como as Listas de bordo de navios que aportaram em Santos; também os livros de registro de imigrantes e migrantes alojados na Hospedaria e, particularmente, as cartas e correspondências trocadas entre os imigrantes e seus países.

²⁰ Nos arquivos portugueses, as cartas não estão disponíveis em maços e não se tem inventários, a investigação demanda tempo e atenção para se localizar os documentos, sendo necessário consultar individualmente milhares de processos. Estes processos de pedidos de passaportes eram constituídos pelo termo de abonação de identidade, requerimento e outros documentos do peticionário, ou quando se tratava de passaporte coletivo/familiar, de todos os seus membros; excepcionalmente, integravam os bilhetes de viagem. Frequentemente, incluíam-se missivas, que eram endereçadas por familiares com os quais pretendiam se juntar. O candidato/a a emigrante aguardava pela carta para encaminhar os trâmites na burocracia lusitana, quando de posse desta deveria registrá-la em cartório reconhecendo a sua legitimidade pela presença e assinatura de duas testemunhas. As normas se alteraram a partir do Decreto nº 7.427, de 30 de março de 1921, que estabeleceu um impresso pronto (a preencher com os dados) que era fornecido pelos Consulados.

Apesar da sua ancestralidade, a escrita epistolar se alargou com a ampliação das comunicações e intensificação das mobilidades. Facilitados pelo desenvolvimento dos transportes a vapor (trens e navios), os deslocamentos se tornaram “fenômenos” de massa, o que se denomina de a grande e-imigração. Esta experiência histórica ampliou as distâncias entre pessoas, dilatando a sensação de ausência, suscitando sentimentos de saudades que geraram a necessidade de comunicação e esforços de aproximação. Como bálsamos á separação, a escrita de cartas foi difundida, incorporando os populares, num desafio para uma massa pouco letrada que com grande esforço procurava manter os vínculos. Assim, disseminaram-se novas experiências da prática epistolar, democratizando a escritura.

Dessa forma, as cartas podem ser consideradas como paradigmas dos deslocamentos

Fruto do distanciamento e da separação, produto da necessidade de comunicação á distancia, resultado da tentativa de anular as distâncias e, ao mesmo tempo, testemunho e prova da dilaceração em curso, além de veículo das transformações futuras.²¹

Os vapores cruzavam os mares transportando pessoas, mercadorias, ideias e também carregavam a mala postal, repleta de mensagens. As missivas traziam boas e más notícias, comunicavam alegremente nascimentos e casamentos, também, doenças e mortes, enviavam declarações de amor e fidelidade, fotos de família, encaminhavam conselhos de velhos, pedidos de ajuda e de dinheiro, expediam cartas bancárias e de chamada. Pelos correios, múltiplas histórias escritas atravessavam o oceano buscando por notícias de filhos e pais, irmãos, maridos e esposas, noivos e noivas, estas correspondências encontrando-se plenamente marcadas por múltiplos sentimentos: saudades, esperanças, amor, ódio, rancor, sonhos e medos, ilusões e desilusões.

Constituindo um movimento entre a ausência e a busca da presença, quem escrevia buscava manter contatos, laços afetivos, esperava por notícias e/ou comunicava novidades. Escrever cartas atenuava a solidão e as saudades, entretanto exigia tempo, dedicação e reflexão; porém, grande parte dos populares estava pouco familiarizada com o texto, que para eles era um desafio, um verdadeiro fardo escrever. Para enfrentar estes

²¹ CROCI, Federico. O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil. In.: **Revista Locus**, v.14, n.2, jul./ dez., p.30, 2008.

obstáculos criavam-se estratégias, quando não se sabia ou se escrevia mal, apelava-se para que outra pessoa o fizesse.

A composição das cartas segue um protocolo estabelecido e difundido pelos manuais epistolares, que disseminavam os dispositivos que regulavam as práticas que passaram a ser reconhecidas e aprendidas. Instituiu-se uma estrutura, certa fórmula de uso continuado, caracterizada por elementos como: datação, tratamento, saudações, cumprimentos e abertura, desejos de saúde, despedidas, finalização, assinatura, envelope e identificação do destinatário, no caso das missivas analisadas as fortes marcas de religiosidade com bênçãos, graças e referências de proteção (graças a Deus, com as bênçãos de Deus, que Deus abençoe).

Assim, as práticas de trocar cartas difundiram novos indicadores de comunicação e expressão, permitindo rediscutir as fronteiras entre a oralidade e o registro escrito. Apesar dos populares não dominarem estes códigos, passaram a exercitar certo “direito a escrita”,²² mesmo que fosse se utilizando de um escrevente.

Na maioria das vezes, o papel escrevente/leitores foi assumido pelo mestre escola, pároco ou um letrado da aldeia, que podia fazer a leitura/escritura “a rogo”, em troca de um agrado ou por pagamento. Eles foram protagonistas estratégicos para preencher as necessidades tanto da correspondência burocrática, como das cartas particulares. Em várias missivas justificam-se a demora em mandar notícias pela dificuldade em encontrar alguém que se dispusesse a escrever, merecendo menção aos esforços das mulheres, frente ao maior grau de analfabetismo feminino. Desta forma, foi criada toda uma comunidade de escreventes/leitores, destacando-se que muitas vezes essa leitura era compartilhada com outras pessoas, realizada em voz alta e em público.²³

Na análise das correspondências, não se pode separar o conteúdo da forma da escritura. Cabe observar que as missivas pesquisadas apresentam um português fonético, marcado pela oralidade, uso aleatório das maiúsculas e minúsculas, problemas ou falta de pontuação, separação e/ou articulação indevida de palavras, troca de consoantes (v pelo

²² CROCI, Federico. O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil. In.: **Revista Locus**, v.14, n.2, jul./ dez., p.21, 2008.

²³ Leitura em voz alta ou a necessidade de ditar as cartas gerava preocupações em torno do sigilo e cumplicidades, buscava-se preservar as intimidades da curiosidade de parentes, vizinhos e outros leitores, gerando uma fronteira entre dizível e sigiloso, público e íntimo.

b), expressões em desuso, o que dificulta a leitura e demonstra as dificuldades destes sujeitos históricos em manter a prática da escrita.

Quanto à caligrafia, em algumas cartas se observa a letra bem desenhada e clara, sendo muito poucas as datilografadas; outras, devido ao baixo letramento, a letra é rústica e muito difícil de ser compreendida.

Cabe também atentar para o tipo de papel utilizado. A escolha do papel foi mais ocasional do que proposital, quando havia falta escrevia-se nas margens e bordas da folha. Aparecem nas correspondências diversos tipos de papel como os de borda preta das missivas de luto. O uso de papel timbrado (em geral no ângulo superior esquerdo) era considerado prestigioso, podendo demonstrar vínculo profissional, prosperidade nos negócios. Em alguns poucos casos encontram-se timbres de hotéis ou companhias de navegação, que também demonstrava status - o de viajante.²⁴

TRAVESSIA: AÇÕES, CUIDADOS E RECOMENDAÇÕES

As correspondências permitem recuperar diversas questões que envolvem os deslocamentos dos portugueses, cabendo destacar um sentido maior observado na documentação – o desejo de reunificação familiar, através das chamadas de esposas, filhos, parentes e conterrâneos.²⁵

Nas missivas aparecem constantemente orientações sobre a viagem. O conhecimento contraído pelos imigrantes durante a travessia transatlântica, somado às experiências adquiridas no Brasil, levavam-nos a guiar seus parentes sobre os procedimentos nos preparativos da partida, como: compra de passagem, providências

²⁴ A difusão da indústria de papel possibilitou maior acessibilidade ao produto e a oferta de toda uma diversidade de papel no mercado (diferentes tipos, tamanhos e cores).

²⁵ A legislação portuguesa (em diferentes momentos, mas particularmente com a lei de 25 de Abril de 1907) determinava que toda a mulher casada deveria documentar que tinha licença de seu marido para viajar, da mesma forma, os menores necessitavam da autorização dos pais, tal consentimento era concretizado através da Carta de Chamada, na qual, geralmente, aparecia o montante em dinheiro enviado para os tramites. Para a solicitação do passaporte junto ao Governo civil, a carta deveria ser reconhecida no tabelião por testemunhas. Quando a esposa não recebia a correspondência ou porque o marido não sabia escrever ou por outro motivo qualquer, excepcionalmente, o consentimento podia ser obtido através da apresentação de uma declaração de pessoas idôneas, familiares ou do próprio pároco, comprovando a vontade do marido para que a cônjuge se reunisse a ele. As mulheres solteiras podiam ir se reencontrar com os pais, mas, outras vieram para servirem como criadas, algumas acompanhavam os patrões, outras recebiam missivas de chamadas de futuros empregadores no Brasil. Cf.: CUNHA, Carmen Alice Aguiar de Moraes Sarmento. **Emigração familiar para o Brasil: Concelho de Guimarães 1890-1914, (Uma perspectiva microanalítica)**. 1997, 244 f. Dissertação (Mestrado em História das População) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 1997.

com a documentação, embarque, cuidados e postura durante viagem, também, o que trazer e deixar.

Algumas vezes as passagens eram remetidas do Brasil, para evitar oportunistas e falsos agentes que ludibriavam os poucos experientes. Em outros casos, era cuidadosamente explicitado aonde e como comprar os bilhetes, para tanto eram enviados os valores necessários.²⁶

Cuando comprarem os bilhetes de mar não fiem em lerias dos outros bõ em coimbra no antonio fernandez e no avilio lagoas e onde derem maiz varato mais noço amigo é; não tragam objetos para ninguem porque save o que sucedeu comigo, com esse moço de soure entreguei os objetos e depois fiquei em má reputação a cualquier um dos primoz para andar junto no que for preciso que ele depois lhe a gradeço a pesar de lhe pagar...²⁷

eu lhe remeto o dinheiro para as duas passage, e mais dispezas, é preciso tirar os passaporte ahi e apresentar-se e Lisboa no governo civil que é para poder tirar as passagens e vir para aqui, é nessesario ter muito cuidado com as compras das passages com os correctos costumam roubar de que não conhesse E nessesario deixar uma pessoa conhecida para tomar conta das ou vender ou arrendar ou deixar um procurador de confiança ahi as passages é para tirar ate Santos que eu vou lhe esperar lá peço mandar dizer mais ou menos quanto precisa para as dispezas todas e passages.²⁸

Incluía-se, também, a indicação da companhia de navegação avaliada pela credibilidade e segurança, ou que pudesse possibilitar maior conforto. Conjuntamente, detalhavam-se os tramites para a solicitação e obtenção do passaporte

... hoje mesmo te mando as paçages daqui é só tu tirar pçaporte e correr folha as paçages que te mando são da **malla rial inglesa** que são os melhores bapores é para inbarcar no porto de leixoes ... se teveres alguem conhecido que banha para ca aprobeita abires jointa não tendo bem tu e mais os filhos.²⁹

Vais nu padre tiras as assertidões i bens a Guimaraes na ademenistração corres folha i dipoes bens para Braga nu governo sivil tiras u pasaporte. Cando sahir vapor du porto tu vens i la nu mesmo dia compras a

²⁶ A frequência destas ações e as denúncias levaram ao estabelecimento do Regulamento de 03/07/1896, que especificava constituição e fiscalização de agências de emigração oficializadas.

²⁷ Carta de 11 mar. 1916, n.398. **Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo**, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

²⁸ Carta de 10 ago. 1921. n.896. **Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo**, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

²⁹ Carta de Manuel Novais Rodrigues á esposa Maria da Silva, apud CUNHA, Carmen Alice Aguiar de Moraes Sarmiento. **Emigração familiar para o Brasil: Concelho de Guimarães 1890-1914**, (Uma perspectiva microanalítica). 1997, 244 f. Dissertação (Mestrado em História das População) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 1997. f. 32.

paçagem não te e preçizo encommudar peço alguma. Eu quero que tu venhas na **mala Real Egleza** que e de muito respeito não temas de vir que nu Vapor tomas muito conhecimento com familias.³⁰

Orientavam-se sobre vários outros preparativos, como os deslocamentos até o porto de embarque e cuidados antes de tomar o vapor. Mulheres, crianças e velhos deveriam vir acompanhados, com apoio de conhecidos, familiares, vizinhos, pessoas de confiança, honestas e respeitadoras; de preferência experientes e que soubessem ler; nesse sentido, eram feitas as indicações.

Não venhas como a ovelha sem pastor. Fala com o filho do Meco das Porreiras, que eu já lhe escrevi, pedindo-lhe para tu vires na companhia dele e da senhora dele, porque ele parece que deve vir logo e eu faço gosto que tu venhas com ele.³¹

Manda chamar teu irmão e vê se ele te quer acompanhar e se ele não quiser vê outro aí qualquer vizinho, notando que eu pago a viagem a quem te acompanhar. Aí vai ordem para tudo isso mas que seja pessoa capaz notando que o que te acompanhar nada tem a pagar-me aqui. O meu desejo é que te trate com todo o respeito e dignidade e a nossos filhos.³²

Eram frequentes as preocupações em regrar os comportamentos, normas de conduta e regras de sociabilidade durante a viagem, especialmente, para com as mulheres. As orientações eram expressas, para se ter cuidado com o comportamento, sendo conveniente evitar exposições, assédios e promiscuidades.

... fas por te dar ao respeito para nenguem meixer con tigo o mais podes embarcar sen medo so som 12 dias de biaje.³³

No vapor porta-te bem, sempre séria com toda a gente. Quando eu vim, vim com a cabeça perdida com umas mulheres ...³⁴

³⁰ Carta de Jerónimo Fernandes á esposa Maria das Dores Fernandes, 03/1904, apud CUNHA, Carmen Alice Aguiar de Moraes Sarmento. **Emigração familiar para o Brasil: Concelho de Guimarães 1890-1914**, (Uma perspectiva microanalítica). 1997, 244 f. Dissertação (Mestrado em História das População) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 1997. f. 35.

³¹ Carta do Processo do Passaporte n. 715, 31/10/1896. Apud. RODRIGUES, Henrique Fernandes. *Imagens da emigração oitocentista na correspondência enviada ao Brasil*. In.: **Cadernos de história**, Belo Horizonte, v. 11, n. 15, 2010. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/2213>. Acesso em 14 dez. 2015.

³² Carta do Processo do Passaporte n. 362, 25 out. 1886. apud: Ibid.

³³ Carta de Chamada de Manuel N. Rodrigues á Maria da Silva. apud CUNHA, Carmen S. 1997. op.cit, p. 35.

³⁴ Carta do Processo do Passaporte n.516, 22 mai. 1893. apud RODRIGUES, Henrique Fernandes. 2010. op. cit.

Acautelava-se sobre possíveis acidentes á bordo, apontando os cuidados a tomar com as crianças e os mais idosos.

Emquanto a viagem peço te que tenhas todo cuidado principalmente no vapor principalmente com a mãe que não de algum tombo nas escadas do vapor so depois de estares dentro examina bem o cuidado que debes ter cuidado au pinchar da lancha para o vapor.³⁵

Nas cidades e aldeias circulavam relatos de viagem que alimentavam os medos de enfrentar a expedição transatlântica. Mesmo com o estabelecimento de linhas regulares de vapores que garantiam percursos mais seguros e rápidos, ainda persistiam as histórias de trajetórias difíceis e naufrágios.³⁶ Nas missivas as palavras de alento e estímulo visavam tranquilizar o/a viajante para enfrentar a longa travessia, lembrava-se de ações de solidariedade e cooperação no percurso, com a possibilidade de se estabelecer vínculos de amizade.

Tenha muita coragem para atravessar o mar: lembre-se que vem abraçar todos os seus filhos para ganhar mais animo.³⁷

Desde os meados do século XIX (1855), que devido as constantes denúncias sobre as condições de viagem, implementaram-se ações regulamentadoras do controle de excesso de passageiros e bagagens, medidas de proteção e assistência aos viajantes em situação de adoecimento a bordo (as naus necessitariam ter uma botica e apoio médico). O regulamento de 07 de Março de 1863 determinava que os vapores deveriam garantir alojamentos salubres e higiênicos, alimentação de boa qualidade e em quantidade, além de água bem acondicionada.

Contudo, apesar destes procedimentos legais persistiam os problemas, que eram firmemente denunciados pela imprensa, que apontava que os imigrantes, em sua maioria, marcados pela ignorância, pobreza e analfabetismo, encontravam-se numa situação subalternidade e de desamparo durante a travessia.

As irregularidades tornavam a viagem precária, frente à falta de higiene, más acomodações, alimentação mal preparada e em pouca quantidade. Nas cartas aparecem várias recomendações, visando evitar privações e amenizar desconfortos, como levar

³⁵ Carta de 03 jun. 1913, n. 205. **Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo**, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

³⁶ Cabe lembrar que os trabalhos de bordo eram realizados quase que exclusivamente por homens, o que tornava os vapores inóspitos para mulheres sozinhas ou com filhos pequenos.

³⁷ Carta de 10 mai. 1919, n. 438. **Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo**, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

alimentos para consumir durante a travessia, indicava-se ações para diminuir o mal-estar e enjoos (trazer limões e açúcar, frente às questões com água).

Trás também um pouco de bacalhau, ia sim como também meia dúzia de chouriços para vosses comer em viaje ia sim como também comora um pouco de queijo que a sim te é perciso e o que mais te a petesser.³⁸

... compra um bahu não precisa muito grande para traseres á tua beira con frutas e aquilo que queseres...³⁹

Entretanto, se deviam evitar produtos que estragassem ao longo da viagem:

Maria diz ao Sr^o Alfredo que eu hoje mesmo falei com o irmão e filho, e dis-lhe também que as masães que ele mandou aprodrecerão em antes de cá chigar, eu apresentava las mesmo assim, mas vinhão me a estragar outras coisas, e por isso mandeias aos peixes, se eu soubesse que ellas apodrecião, tinhas eu comido.⁴⁰

Alertava-se para os cuidados com dinheiro e objetos de valor, precavendo-se de roubos, aconselhava-se que os bens deveriam ser guardados, disfarçadamente escondidos, tendo-se como alternativa:

O dinheiro poiz um halço na saia branca i cozio o cardão trazio o pescoso.⁴¹

Méte no bolso que te fáz fáta na viajem o seu cordão e as argólas guarda elas com sigo de módo que lhe não sêja tirado.⁴²

Dever-se-ia prevenir perdas ou extravios de malas, sugeriam-se marcas de identificação na bagagem (faça três cruces negras no baú). Indicava-se colocar numa mala de mão os acessórios e roupas para de uso á bordo ou no momento do desembarque.

... compra uma mala de mão para trazeres alguma roupa melhor para saltar em terra para não parsseres uma Patricia i não tragas lensso na cabessa que nesta terra não se uza i paresse Mal.⁴³

³⁸ Carta de 01 ago. 1912. n. 255. **Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo**, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

³⁹ Carta de Manuel Novais Rodrigues á esposa Maria da Silva, apud CUNHA, Carmen Alice Aguiar de Moraes Sarmiento. **Emigração familiar para o Brasil: Concelho de Guimarães 1890-1914**, (Uma perspectiva microanalítica). 1997, 244 f. Dissertação (Mestrado em História das População) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 1997, f. 32.

⁴⁰ Processo n. 987, 08 jan. 1912, Arquivo Distrital do Porto.

⁴¹ Processo n.691, 13 abr. 1912. Arquivo Distrital do Porto.

⁴² Processo n.389, 10 ago. 1912. Arquivo Distrital do Porto.

⁴³ Processo n.599, 09 abr. 1912. Arquivo Distrital do Porto.

Compra votas para ti e para as filhas para não parceres uma Maria chegada da terra no desembarque aqui.⁴⁴

A chegada era uma ocasião especial de reencontro, para tanto devia apresentar-se bem, com o que tivesse de melhor, roupa nova ou traje domingueiro. Nas correspondências aparecem as recomendações de vestir-se “a brasileira” e não aparentar “costumes da aldeia”, buscando demonstrar conhecimento sobre a cultura no país de acolhimento.⁴⁵

Enviote esse catalogo para veres mais ou menos como debes te vestir assim como a menina visto os costumes d’aqui serem outros tomarais nota de tudo que gastaste Lucelia procura vestir mais ou menos costume de cidade e não de aldeia.⁴⁶

Compra uma malla e roupas Brasileira, lenços da cabeça e do pescoço é só para a viagem.⁴⁷

Algumas missivas apresentavam maiores preocupações frente ao desconhecimento dos hábitos na sociedade de acolhimento, arrolando detalhadamente todo vestuário a ser comprado e trazido. José Francisco sugeria á mulher que

... quando tu fores comprar a Refina que va contigo que maes ou menos ja save como se uza. (...) o Agustinho que escôlha o calçado tudo prêto para ti 2 pares de sapatos para a Maria Amelia 2 pares para a Carulina 1 par para o Joaquim 2 pares para o Jose 1 par. Manda fazer um vestido para a Maria Amelia e outro para a Carulina para o Joaquim um terno a marujo para o Jose na mesma...⁴⁸

Sobre as vestimentas masculinas, nas missivas pedia-se que trouxessem paletós, ternos, casacos, camisas, ceroulas, meias, chinelos, sapatos, chapéus e guarda-chuvas; alguns recomendavam que as roupas fossem de qualidade nos tecidos e modelagem:

Ahi ades resever 90.000 mil reis queireio que deve a chigar para o que prezizo. Agora quando tu vieres trazme o terno da roupa Quero um terno

⁴⁴ Processo n.255, 01 ago. 1912. Arquivo Distrital do Porto.

⁴⁵ RODRIGUES, Henrique. Escrita de Emigrantes: Abordagem à Correspondência Oitocentista. In: VIEIRA, Alberto, CASTILHO, Antonio e RODRIGUES, Henrique. (Org.). **Escritas das mobilidades**. Centro de Estudos de História do Atlântico. v.1 Funchal, 2012. Funchal: Madeira, 2012, p. 302.

⁴⁶ Processo n. 951, 06 jul. 1912. Arquivo Distrital do Porto.

⁴⁷ Processo n. 060, 13 jul. 1912. Arquivo Distrital do Porto.

⁴⁸ Carta de José Francisco á mulher Maria Mendes, apud CUNHA, Carmen Alice Aguiar de Moraes Sarmiento. **Emigração familiar para o Brasil: Concelho de Guimarães 1890-1914**, (Uma perspectiva microanalítica). 1997, 244 f. Dissertação (Mestrado em História das População) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 1997, f. 33.

queláro fino e uma calsa por fora tambem quelara Esso é feito em caza do oliveira.⁴⁹

Outros faziam encomendas, por considerarem os produtos mais caros no Brasil, como assinalado na carta de Manoel Marques dos Santos...”se me podeses trazer um chapéu preto para a ca bessa de nr 5 e duque tenho mais nesidade ia qui são munto caras”.⁵⁰

Alguns imigrantes que conheciam os trâmites alfandegários aconselhavam cuidados com o porte de armas e com as próprias mercadorias, especificando para trazer os tecidos cortados e as solas dos sapatos sujas, evitando assim que fossem confiscados na entrada.

Previnote se trouxeres alguma arma seja ella como for au entrar para o vapor entrega para a mãe que meta no ceio.⁵¹

... agora podes trazer lençoes de panno crú e camizas do mesmo panno ou morim e assim como paletoes mas cortaos mais comprido do que ahi se uza se não poderes fazer alinhava só e para as saias compra chita e riscado e corta saias com 9 pannos e traz só alinhavados de maneira que pareça que esta pronta que é para poder passar na alfandega aqui (...). Vê se me podes trazer 1 par de chinellos de liga e traz para ti tambem mas suja a solla primeiro.⁵²

Nas epístolas pedia-se a confirmação da data de chegada e nome do vapor, garantindo a presença no desembarque, mesmo que significasse enfrentar um longo deslocamento do interior até o porto. Porém, quando isso era inviável, cuidava-se para que no porto ou na estação ferroviária tivesse alguém para recepcionar o recém-chegado, ajuda-lo com as bagagens, tramites na alfândega e Inspetoria de Imigração.

Se eu não estiber em Santos e a Snra. não puder tirar as caixas ou bagagem que troxer a Snra. bai na estação do caminho de terra e compra bilhete para Pirituba ali eu tenho dado probidençias leve o conhecimento de bagagem que no dia seguinte eu benho buscar as ditas.⁵³

⁴⁹ Processo de n.299, 05 ago. 1912. Arquivo Distrital do Porto.

⁵⁰ Processo de n.339, 09 ago. 1912. Arquivo Distrital do Porto.

⁵¹ Carta de 03 jul. 1913, n. 205. **Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo**. Arquivo Público de São Paulo.

⁵² Carta de Joaquim Lemos Leite á esposa Maria Libânia. apud CUNHA, Carmen Alice Aguiar de Moraes Sarmento. **Emigração familiar para o Brasil**: Concelho de Guimarães 1890-1914, (Uma perspectiva microanalítica). 1997, 244 f. Dissertação (Mestrado em História das População) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 1997, f. 37.

⁵³ Carta de 22 jul. 1912, n. 126. **Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo**. Arquivo Público de São Paulo.

A DESPEDIDA: O QUE TRAZER E DEIXAR

Nas missivas analisadas, em sua maioria cartas de chamada, as referências ao regresso são praticamente inexistentes. Os remetentes eram imigrantes que encontraram possibilidades e se fixaram na sociedade receptora, possivelmente estas experiências contribuíram para o fim do projeto de retorno, o que aparece explicitado.

Nas correspondências observam-se as preocupações com o cotidiano em Portugal, tanto nas lidas rurais como nos negócios. As cartas deixam testemunhos das orientações trocadas entre os familiares e cônjuges. Ressaltam-se as diversas estratégias femininas desenvolvidas diante da ausência dos homens que emigraram primeiro, as mulheres enfrentavam um cotidiano árduo e envolto em muito trabalho, trato da lavoura e dos animais, responsabilidades dos negócios, administração das remessas, somados aos cuidados com a casa e os filhos.

... mais senhoras de si, livres da gravidez não desejada. Muitas delas retornam a casa dos pais...a economia camponesa do Minho girava em torno da mulher. O governo da casa pertencia-lhes...habituada a lidar com dinheiros e pequenos negócios...com a emigração masculina, e na ausência prolongada dos maridos, o seu papel de gestora dos assuntos familiares se evidencia.⁵⁴

Nas epístolas, juntamente com os planos para a reunificação familiar,⁵⁵ nota-se as especificações da partida, com todas as orientações do que deveria ser deixado ou trazido, doado ou vendido, que objetos, utensílios, animais e propriedades se desfazer e como

⁵⁴ CUNHA, Carmen Alice Aguiar de Morais Sarmiento. **Emigração familiar para o Brasil: Concelho de Guimarães 1890-1914**, (Uma perspectiva microanalítica). 1997, 244 f. Dissertação (Mestrado em História das População) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 1997, f. 285 a 296.

⁵⁵ Havia mulheres que frente aos receios da travessia, da volta á subserviência doméstica e das múltiplas incertezas de um país desconhecido, criavam desculpas para não ir (doença dela, dos filhos ou pais), buscavam escapatórias e retardavam a viagem. Algumas gastavam o dinheiro enviado e não partiam; outras, depois de muitas ameaças e reclamos dos maridos, embargavam frente ao receio de serem abandonadas. Por outro lado, encontrava-se maridos que não manifestavam qualquer desejo do reencontro. Eles viajaram sós ou com amigos, reuniram-se com os conterrâneos estabelecidos, exerciam atividades, usufruíam de liberdade (impossível na sociedade de onde vinham), não desejavam voltar à situação anterior, referiam-se de modo indefinido á reunificação familiar. Alguns homens não chamaram as esposas, nunca retornaram, deixavam de mandar notícias, constituindo novas famílias no Brasil, as mulheres se deixaram ficar envoltas em saudades e numa espera sem fim, tornavam-se “viúvas de maridos vivos”. MATOS, Maria Izilda Santos de. Cruzando os mares: cartas, correspondências e mensagens trocadas entre portugueses. In: VIEIRA, Alberto, CASTILHO, Antonio e RODRIGUES, Henrique. (Org.). **Escritas das mobilidades**. Centro de Estudos de História do Atlântico. v.1 Funchal, 2012. Funchal: Madeira, 2012, p. 317-339.

Minha querida mãe, venda tudo o que puder e o que não puder vender deia dismola aos pobres nada disso lhe ade fazer falta aqui se ganha para comer e para bestir e sempre se tem 50 ou sem milreiros n'alzibeira purisso querendo bir ista na sua bontade...⁵⁶

Minha mãe se a Snr^a vier o que me pertence assim deiche tudo para o meu sogro entregue a minha sogra a caisinha ... minha mãe veja bem não me faça perder este dinheiro venha sen falta que aqui a senhora passa e mito bem...⁵⁷

Traz e a roupa que estiver boa e a que não estiver da aos pobres por alma dos nossos pais e o resto da mobília faz della o que quizeres...⁵⁸

o campo arrenda-o ou dá a fazer de meias que eu se o moço aqui tiver saúde e me ajudar aqui não irei mais precisar disso⁵⁹

Se alguns sugeriam o que doar ou transferir aos parentes e aos pobres, já outros, de forma menos magnânima, como o caso de José de Souza Alvez orientava a sua esposa, indicava atar fogo em tudo que não pudesse transportar.

o resto vende tudo se não tiveres quem compre leva para o monte e choga-lhe o fogo nada a ninguém não dez que a nós também ninguém nos deu nada, se te não parem procurar a casa vai á companhia⁶⁰

Os objetos que apresentavam possibilidade de uso no Brasil eram transportados, como ferramentas de ofícios (lápiz de carpintar, esquadro, martelo, serrote, prima, lima, cinzel), utensílios para a prática agrícola (foice, pá, enxada, machado), incluindo instrumentos musicais (violão, violino, guitarra, pandeiro, adufe, castanholas, concertina, flauta e gaita).

Enquanto a roupas tanto grossas como finas tudo é preciso tanto de cama como de corpo, ferramenta traz um prisma ½ kilo e traz uma colher grande d' aço que seja boa para rebocar traz um ou dois metros de molas traz trez timas das mais compridas feitas em sinzel que chamamos talha deixa o martelo compras cá não precisas de mais ferramentas.⁶¹

⁵⁶ Carta de 26 ago. 1915, n. 763. **Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo**, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

⁵⁷ Carta de 10 dez. 1923, n. 1126. **Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo**, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

⁵⁸ Carta de 07 set. 1912, n. 612. **Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo**, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

⁵⁹ Processo n. 81, Mç. 1756, 25 mar. 1912. Arquivo Distrital do Porto.

⁶⁰ Processo n. 103, Mç. 1756, 25 abr. 1912. Arquivo Distrital do Porto.

⁶¹ Carta de 03 jun. 1913, n. 205. **Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo**, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Eram vários os utensílios e maquinário considerados de serventia, por carta Antonio Fernandes pedia à esposa que trouxesse sua máquina de costura “bem encaixotada”, dessa forma, ela poderia trabalhar como costureira, contribuindo na renda familiar. Igualmente, aparecem referências a fusos, teares e materiais de costura.

Que não esqueçam bordados a retrós bonitos e compra para tua cunhada 6 peças de renda de linho, 2 da largura de um dedo, dois de dois, 2 de três dedos, da mesma qualidade da que veio no saio que mandara pelo Simão para tua cunhada. Compra 6 jogos de agulhas amarelas para ensinar tuas sobrinhas a fazer meia e traz dois arrátéis de algodão fino para meias, talvez um arrátel chegue. Minha irmã que te dê amostras de crochê.⁶²

Entre os objetos trazidos na mala do imigrante, encontravam-se vários apetrechos de uso doméstico, como: louças, talheres, roupas de cama e mesa, travesseiros, cobertores, mantas, colchões e móveis, o apego a estes componentes sugere a manutenção de hábitos da terra.

Anna tráz com tigo os lenções que tiveres, e tráz 2 cobertores, e a tua roupa toda, e tráz a fâca que era minha, e toalhas um trabeceiro ou 2; os colxões, tudo isto que venha lavado, tráz isto tudo dentro da minha caixa, e 2 mantas das milhores, e o resto que tiveres, vende tudo a quem tepágue logo.⁶³

A cama se puderes manda-a encaixotar, meza não tragas alguma louça mettea dentro das málas e trala junto contigo.⁶⁴

Em várias mensagens aparecem pedidos para que se trouxessem objetos de valor, joias, cordões, medalhas, brincos, broches e anéis de ouro, além de relógios; todavia, se alertava para guardá-los com cuidados durante a viagem. Estes valores poderiam significar uma forma de transportar um capital, ou simples desejo de possuir o bem ou presentear a alguém:

Também lhe dirás que se ella vier que traga uns brincos para a D. Maria (a espanhola) bem sabes quem tem o valor de 2\$500 reis mais ou menos porque será a primeira mulher amiga que ella aqui terá.⁶⁵

⁶² Carta do Processo do Passaporte n. 241, 01 abr. 1884. Apud RODRIGUES, Henrique Fernandes. *Imagens da emigração oitocentista na correspondência enviada ao Brasil*. In.: **Cadernos de história**, Belo Horizonte, v. 11, n. 15, 2010. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/2213>. Acesso em 14 dez. 2015.

⁶³ Processo de n. 482, 10 ago. 1912. Arquivo Distrital do Porto.

⁶⁴ Processo de n.198, 01 ago. 1912. Arquivo Distrital do Porto.

⁶⁵ Processo de n. 983, 08 jul. 1912. Arquivo Distrital do Porto.

Antes de vir va converçar, com o Daniel que elle le espicara e me traga 2 pares de brinco para as meninas e uma saia boa para a Maria e um lenço bão cor de café,⁶⁶

Minha querida mãe estimo que estejam todos bons que me tragão o meu bauzinho que está [---] e que tragão 2 pares de brincos um par para mim e outras para o Gonçalo...⁶⁷

Eram constantes os pedidos de produtos alimentícios da terra como presunto, embutidos, amêndoas, noz, azeites, vinhos, salpicões, pinhões, entre outros. Era a oportunidade de matar a saudades dos sabores de além-mar; já que na experiência de deslocamento a alimentação é considerada o último costume abandonado, podendo ser considerado como um fator de resistência.

Eu espero que a senhora venha antes do Natal para poder passal-o conosco, se a senhora me poder trazer um Presunto, não precisa que seja muito grande mas isto é conversa minha.⁶⁸

Peço-te que tragas uma pouca de amêndoa e noz para a D. Chiquinha, que ella disseme que lha troucesses, amedoa e melhor vir em grão para não fazer tanto volume,⁶⁹

A necessidade de se comunicar e manter vínculos foram impulsionadas pelos deslocamentos, que fomentaram a troca de cartas pelo Atlântico, possibilitando o estabelecimento de redes. Estas redes propagaram informações e possibilitaram chamadas, as cartas constituem registro e mote deste processo funcionando como veículos de divulgação da imigração ao favorecer as saídas, criando circuitos que envolviam parentes, amigos, conterrâneos, estabelecendo bases de apoio que ajudavam a enfrentar as dificuldades e agruras do cotidiano na sociedade de acolhimento.

Estas fontes – que parecem desprovidas de relevo para o estudo das novas imagens da mobilidade, por representarem episódios momentâneos e casuísticos e por só haver um emissor, uma carta e um receptor do qual desconhecemos as reações e respostas – são repositórios de valor inestimável sobre o universo migratório e as

⁶⁶ Carta de 10 dez. 1923, n. 1126. **Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo**, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

⁶⁷ Carta de 10 set. 1913, n. 184. **Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo**, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

⁶⁸ Carta de 20 ago. 1919, n. 439. **Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo**, AP **Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo**, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

⁶⁹ Processo de n. 612, 07 set. 1912. Arquivo Distrital do Porto.

dinâmicas familiares, pois nelas reside uma imagem mais autêntica, sem impressionismos ou ficções.⁷⁰

Para o pesquisador as correspondências provocam muitas inquietações sobre os desdobramentos destas trajetórias, se a reunificação familiar foi possível ou não... , infelizmente, é impraticável responder a todas estas inquietações. Se a missão do historiador é questionar o passado contando suas histórias, cabe encerrar esta narrativa, com uma adaptação do dito popular... “Entre uma carta e outra, quem quiser que conte outra...”

RECEBIDO EM: 04/11/2014

PARECER DADO EM: 15/02/2015



www.revistafenix.pro.br

⁷⁰ RODRIGUES, Henrique. Escrita de Emigrantes: Abordagem à Correspondência Oitocentista. In: VIEIRA, Alberto, CASTILHO, Antonio e RODRIGUES, Henrique. (Org.). **Escritas das mobilidades**. Centro de Estudos de História do Atlântico. v.1 Funchal, 2012. Funchal: Madeira, 2012, p. 279.